

... Cadernos :: edição: 2006 - Nº 28 > Editorial > Índice > Resumo > Artigo

A influência da comunicação que envolve família-filho-escola no processo de desenvolvimento e aprendizagem do sujeito surdo

Vera Lúcia Marostega*
Angela Nediane dos Santos**

O presente artigo aborda o tema da comunicação entre família ouvinte, filho surdo, escola para surdos e sua influência no desenvolvimento e aprendizagem do sujeito surdo. O estudo tem como base teórica o enfoque Sócio-antropológico da surdez, com algumas contribuições dos Estudos Culturais. A pesquisa realizou-se no contexto de uma escola para surdos localizada no município de Santa Maria, RS, e envolveu famílias ouvintes de alunos surdos que estudam nesta escola, bem como professores e instrutores de língua de sinais. As pessoas surdas que estudam em uma escola para surdos, com caráter sócio-antropológico, comunicam-se através da língua de sinais, língua própria da cultura surda, a qual é adequada as suas necessidades, já que se apresenta na modalidade espaço-visual. A maioria dos pais das pessoas surdas é ouvinte e sua língua se dá em outra modalidade, a oral-auditiva. A partir disso, buscamos conhecer como a comunicação se estabelece entre a família ouvinte, o filho surdo e a escola para surdos, influenciando no desenvolvimento e na aprendizagem do sujeito surdo. Os dados obtidos no decorrer da pesquisa nos levam a crer que o modo como essa comunicação acontece manifesta influências diversificadas no desenvolvimento e na aprendizagem do sujeito surdo.

Palavras-chave: Família. Escola para Surdos. Comunicação.

* Profa. Do Dept. de Educação Especial CE/UFSM.

** Mestranda em Educação/CE/UFSM.

Considerações iniciais

A Educação Especial, especificamente na área da surdez, marca um espaço de transição significativo, deixando o olhar clínico-terapêutico e passando a representar a surdez em um outro campo. Esse novo espaço pode ser chamado de Estudos Culturais, Pedagogia da Diferença ou Pedagogia dos Surdos, o qual traz um outro modo de representar os surdos e a surdez. É a partir desse viés que este texto foi construído.

Por meio desse artigo objetivamos trazer a público aspectos importantes de uma pesquisa realizada durante o ano de 2004 e 2005, vinculada ao Curso de Especialização em Educação Especial da Universidade Federal de Santa Maria.

Nas últimas décadas, as escolas para surdos, em sua maioria, estão realizando ações para concretizar essa educação, que difere das que até então permeiam as práticas educativas – o oralismo e a comunicação total – que representam o olhar clínico-terapêutico da surdez¹. Escolas para surdos estão proporcionando aos alunos surdos, o mais cedo possível, a aquisição da língua de sinais, sua língua natural, que além de ter função comunicativa, tem a função de desenvolvimento do pensamento. Elas oferecem também o acesso aos conteúdos curriculares através da língua de sinais, proporcionando assim, a construção de conhecimentos a partir de sua língua própria. Para esses alunos, a Língua Portuguesa é considerada uma segunda língua e seu aprendizado é proporcionado considerando-a como língua estrangeira. Além disso, essas escolas oportunizam o contato dos surdos com seus pares, o que possibilita a construção de identidades surdas, que os auxiliam a constituírem-se como pessoas surdas, como pessoas diferentes, bem como a manter as comunidades surdas e sua cultura.

Skliar (2001) nos coloca que, segundo as estatísticas internacionais, cerca de 95% das crianças surdas nascem em família ouvinte que "... geralmente desconhece, ou, se conhece, rejeita a Língua de Sinais." (p. 132). Essas famílias, ao ser diagnosticada a surdez dos filhos, sentem-se desamparadas e perplexas e acabam reproduzindo um preconceito contra a diferença, buscando, incessantemente, a "cura", através de tratamentos reabilitatórios (DANESI, 2001). Essas atitudes têm relação com os

discursos da normalização, realizados principalmente por profissionais da área da saúde com quem os pais têm os primeiros contatos e informações.

Na idade escolar das crianças surdas, as famílias passam a procurar uma escola para que seus

filh d N i f íli l d A i i d

A pesquisa foi realizada no contexto de uma escola para surdos da cidade de Santa Maria, RS e, por meio da revisão de literatura, observações, entrevistas semi-estruturadas e análise dos dados foi possível construí-la. O objetivo principal foi o de analisar a influência da comunicação entre a família ouvinte, o filho surdo e a escola para surdos no desenvolvimento e aprendizagem do educando surdo.

No primeiro momento do texto, faremos a contextualização da pesquisa. Em seguida, traremos ao texto as contribuições dos Estudos Surdos e dos Estudos Culturais a nossa pesquisa. Logo depois, abordaremos a importância do meio social e cultural para o desenvolvimento da linguagem e a questão do desenvolvimento e da aprendizagem do sujeito surdo. Por último, traremos as considerações finais deste trabalho.

Contextualizando a pesquisa

Esta pesquisa realizou-se no contexto de uma escola para surdos localizada na cidade de Santa Maria – RS. É uma escola organizada por ciclos de formação. Atende a população surda por meio da educação infantil, do ensino fundamental e da educação de jovens e adultos. Essa escola iniciou suas atividades em 2000. Sua criação é o resultado do movimento da Comunidade Surda, dos professores e familiares das pessoas surdas. De acordo com o seu Projeto Político Pedagógico, visa uma Educação Bilíngüe para Surdos, a qual está em processo de implementação. Constitui-se numa escola que busca trabalhar de acordo com o desenvolvimento dos alunos e a participação da comunidade.

Os sujeitos participantes da pesquisa foram os integrantes de quatro famílias ouvintes com filhos surdos, os quais estudam na escola para surdos; quatro professoras, dos quatro alunos surdos e duas instrutoras de língua de sinais, que atuam como instrutoras de língua de sinais para pais e comunidade.

Com todos os sujeitos da pesquisa foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Além dessas entrevistas, foram realizadas observações diretas das aulas da língua de sinais, para pais e comunidade, oferecidas pela referida escola.

Um outro olhar em relação à pessoa surda: contribuições dos estudos surdos e dos estudos culturais

A maioria das crianças surdas nasce em famílias ouvintes e seu primeiro contato lingüístico e comunicativo é com a língua oral, língua de seus pais, a qual não é adequada às necessidades culturais e lingüísticas das pessoas surdas. Essa é a realidade das famílias envolvidas na pesquisa. A partir da descoberta da surdez do filho, diversas são as atitudes dos pais. Uma dessas atitudes é a busca por tratamentos reabilitatórios para os filhos que se configuram em práticas de caráter clínico-terapêutico. As práticas, a partir do olhar clínico-terapêutico, em relação à surdez, são apontadas por Lunardi, como sendo a

[...] busca frenética para fazê-los falar; a centralidade da oralização como marco principal da definição de políticas pedagógicas para a sua educação; a proibição do uso da língua de sinais, língua essa constituidora de identidades e comunidades, isolamento comunitário entre crianças e adultos surdos, práticas de colonização e controle de seus corpos e mentes, como a experiência biônica dos implantes cocleares. (2001, p. 31)

Nas famílias entrevistadas, podemos observar essa busca pela cura, que os pais tiveram ou que ainda têm para com seus filhos surdos. Tal busca reflete uma visão da surdez como deficiência, sendo que essa visão provém do olhar clínico-terapêutico, configurado através de práticas discursivas, que tratam como natural a busca pela homogeneização, pela normalização. Atualmente, após seus filhos estarem estudando na escola para surdos, percebemos uma tênue mudança nessa concepção.

A alteridade² “deficiente” é uma produção discursiva da normalidade. O que é normal ou não é uma produção histórico-social, construída pelos discursos que acontecem nas relações de poder. Quem tem o poder, em determinada situação, de dizer quem é normal, diz também quem não é normal e, é dessa forma que deficiência, anormalidade ou diferença são construídas. A diferença, portanto, não é natural. Ela é produzida histórica e socialmente através de discursos e das relações de poder. É preciso desnaturalizar a diferença.

No discurso da normalidade, o surdo é o outro do ouvinte, é produzido pelo que lhe falta. Nesse discurso o surdo está fora da norma, que é ser ouvinte. No entanto, a diferença é produzida através dos discursos e há outro lugar para a surdez ser narrada. Este outro lugar é o espaço dos Estudos Surdos, da Pedagogia da Diferença, que tem por base os Estudos Culturais.

Os Estudos Culturais surgiram na Inglaterra com o objetivo de romper com as tradições cristalizadas da elite que exalta a dicotomia entre alta cultura e baixa cultura. É um campo de conflitos aberto e permeado por diferentes abordagens. Os Estudos Culturais buscam apresentar a cultura como

líti i dit “ i tâ i d li j t d d ã lt l

A cultura, desse modo, é um espaço de luta pela construção de significados que, de acordo com os interesses de diferentes grupos, são negociados e organizados através de discursos. Essas práticas culturais se dão em constantes movimentos de relações de poder. Quando falamos em poder³, sob essa perspectiva, estamos nos referindo, não a um poder vertical, e sim a um poder horizontal, que se dá em redes e que é capilar. O poder está "... no centro das significações e das identidades culturais." (VEIGA-NETO, 2000, p. 40).

A partir disso, consideramos que a cultura é um conjunto de práticas de representações. Essas representações são entendidas, nessa perspectiva, como significados que são criados para se dizer que isso é isso, e não é aquilo. As representações se dão no campo do discurso, que cria, que produz, e por isso não são fixas e nem são entendidas sob o viés psicológico, que traz a idéia de representação mental.

Os discursos, por sua vez, são práticas que formam os objetos de que falamos. É através dessas práticas que representamos e que pertencemos a tal ou qual cultura. Por isso, os discursos não podem ser desvinculados das relações de poder, por que produzem os significados das coisas e, portanto, produzem coisas.

Quando falamos em diferença, referimo-nos à diferença que é produzida por discursos e não a uma diferença que seja "natural". A diferença é uma construção discursiva, é uma diferença política.

Nos Estudos Culturais em Educação a surdez é descrita como "... diferença política, como experiência visual, caracterizada como múltiplas identidades e localizada dentro do discurso da diferença." (SKLIAR, 1999 a, p. 11).

Acreditamos ser importante problematizar as práticas discursivas que buscam naturalizar a questão da diferença. Para isso são necessários discursos que tratem a surdez sob o prisma da diferença. O surdo, sob essa ótica, é visto como diferente, política e culturalmente.

Esse outro modo de ver o surdo está sendo vivenciado e construído pelas famílias entrevistadas, através do contato com a comunidade surda e com a cultura surda. No entanto, esse contato aconteceu apenas quando o período mais propício de aquisição da linguagem pelos filhos já havia passado. Isso porque, nas quatro famílias entrevistadas, as idades em que ocorreram os primeiros contatos dos filhos surdos com a língua de sinais foram, cinco, seis e doze anos de idade. Se tivesse havido contato anterior com a língua de sinais, as crianças surdas já poderiam tê-la adquirido e, conseqüentemente, poderiam ter um vocabulário mais amplo, seus pais já teriam aprendido essa língua e o desenvolvimento dessas crianças poderia ser mais potencializado.

Quanto mais cedo houver contato com a língua de sinais por parte da criança surda, maiores serão as possibilidades para a realização máxima de suas potencialidades, bem como do seu desenvolvimento. De acordo com Mello (2004, p. 154), a concretização das potencialidades acontece através do "... desenvolvimento máximo das formas especificamente infantis de atividade lúdica, prática e plástica e também da comunicação das crianças entre si e entre os adultos." (grifo meu)

Após a análise das entrevistas, podemos afirmar que existe a necessidade de maior esclarecimento aos pais acerca da visão da escola em relação à surdez. Para eles, ainda subsiste o discurso da normalidade, que traz a representação do surdo como deficiente por falta de audição e de fala. A visão da escola para surdos não é essa; sua visão é a sócio-antropológica, que vê o surdo por sua diferença cultural e por sua diferença lingüística. É preciso proporcionar práticas discursivas que busquem desnaturalizar essa representação e que abordem a surdez a partir da diferença cultural e política.

Acreditamos que uma alternativa, para maior esclarecimento dos pais em relação a visão que a escola tem sobre surdos e surdez, seria a construção de uma conversa inicial com os pais, anterior à matrícula, que buscasse esclarecer essas questões tão importantes. A continuidade dessas conversas durante o ano letivo, através de reuniões e atividades que motivem a participação dos pais em aprender a língua de sinais, teria importância ainda maior. Essas atividades poderiam ser organizadas pela escola, em parceria com a Universidade Federal de Santa Maria, mais especificamente, com o curso de graduação em Educação Especial (Licenciatura plena), juntamente com atividades de estágios e de projetos de pesquisa e extensão, considerando que estas proporcionam uma maior aproximação da construção do conhecimento teórico e prático. Essas atividades têm grande relevância, pois a parceria entre a família e a escola é imprescindível para o desenvolvimento e a aprendizagem da pessoa surda. São práticas discursivas que vão produzindo significados e podem ir desmistificando a representação que os pais têm do surdo, pela deficiência.

A importância do meio sócio-cultural para o desenvolvimento e a aprendizagem do sujeito surdo

relacionados desde os primeiros dias de vida da criança. A aprendizagem esta sempre um pouco a frente, proporcionando o desenvolvimento." (1997, p. 70).

De acordo com a teoria sócio-interacionista de Vygotsky (1991) a aprendizagem está intimamente relacionada com a interação social. Segundo Oliveira (1997) a aprendizagem pode ser definida como "... o processo pelo qual o indivíduo adquire informações, habilidades, atitudes, valores, etc. a partir de seu contato com a realidade, o meio ambiente, as outras pessoas." (p. 57). Dessa forma, a aprendizagem tem estreita relação com a linguagem, pois é através dessa que ocorre a mediação entre o sujeito aprendente e o mundo. A aquisição da linguagem, de acordo com Vygotsky (1991), dá-se a partir das relações interpessoais, no sentido do meio social para o indivíduo. Assim, o meio social, lingüístico e cultural, em que a criança vive, é essencial para o seu desenvolvimento e aprendizagem. Desse modo, de acordo com Goldfeld (1997, p. 71) "... por um atraso de linguagem a criança tem seu aprendizado escolar e, conseqüentemente, seu desenvolvimento afetado."

A escola, na qual se desenvolveu a pesquisa, trabalha a partir da perspectiva sócio-antropológica. A surdez, nessa perspectiva, é vista como diferença cultural e política e essa é a visão que acreditamos ser importante aos pais. É essencial que eles vejam seus filhos como integrantes de uma cultura, que não é melhor nem pior que a deles, mas diferente, por ser composta por pessoas surdas, que se comunicam através da língua de sinais e que pertencem à cultura surda.

Acreditamos que os alunos surdos que estudam nesta escola para surdos estão incluídos num ambiente sócio-cultural. Isso porque, inclusão significa respeito às diferenças. Pardo nos fala sobre o respeito às diferenças:

Respeitar a diferença não pode significar "deixar que o outro seja como eu sou" ou "deixar que o outro seja diferente de mim tal como eu sou diferente (do outro)", mas deixar que o outro seja como eu não sou, deixar que ele seja esse outro que não pode ser eu, que eu não posso ser, que não pode ser um (outro) eu; significa deixar que o outro seja diferente, deixar ser uma diferença que não seja, em absoluto, diferença entre duas identidades, mas diferença da identidade, deixar ser uma outridade que não é outra "relativamente a mim" ou "relativamente ao mesmo", mas que é absolutamente diferente, sem relação alguma com a identidade ou com a mesmidade. (PARDO apud SILVA, 2000, p. 101)

A inclusão na educação de surdos é aquela que parte da diferença e possibilita o acesso aos conteúdos pela língua de sinais, língua própria da cultura surda; que propicia a exposição e discussão de idéias por meio da sua língua e, a partir disso, constitui também a identidade surda desses sujeitos.

De acordo com a teoria sócio-interacionista, a aprendizagem acontece por meio da interação social e esta só pode acontecer quando as partes se comunicam através de uma língua expressada e compreendida. É através da linguagem e da interação que as pessoas se desenvolvem. A linguagem é um instrumento de pensamento. A língua é uma forma de linguagem. A língua de sinais é a língua própria dos surdos. Ela surgiu a partir da necessidade dos surdos de se comunicarem e é passada de geração em geração, através do contato entre pessoas surdas usuárias desta língua. Quanto mais cedo houver o contato entre pessoas surdas usuárias da língua de sinais, melhor será a aquisição dessa língua pela criança surda e, conseqüentemente, melhor será o seu desenvolvimento e aprendizagem.

É por esse motivo que acreditamos na importância da parceria entre a família e a escola. A escola para surdos de Santa Maria, RS, oferece aulas de língua de sinais para pais e comunidade; esta é uma forma de se estabelecer a parceria entre família e escola. Para Gabriel (2000) essa parceria deve ser dialógica, interativa e participativa. Levando-se em consideração que a ponte entre essas duas instâncias é o filho/educando, ele precisa de um ambiente lingüístico e cultural adequado para poder se expressar e ser compreendido por seus interlocutores.

A escola para surdos é uma escola ciclada e têm uma característica muito importante: a participação dialógica dos pais e da comunidade escolar nas decisões da escola referentes a conteúdos, a propósitos e objetivos, à organização escolar, entre outras.

Um aspecto percebido a partir da análise das entrevistas e das observações é a questão da pouca participação dos pais nas aulas de língua de sinais oferecidas pela escola. Acreditamos que esta questão pode ser abordada por meio de práticas discursivas. Uma dessas práticas poderia ser o oferecimento dessas aulas de língua de sinais para pais no centro da cidade de Santa Maria, RS. Isso se justifica por que alguns pais entrevistados manifestaram relatos sobre o difícil acesso à escola, devido ao fato de que todas as famílias entrevistadas residem em bairros distantes. Também as instrutoras de língua de sinais entrevistadas destacaram essa dificuldade, bem como a situação sócio-econômica das famílias, como sendo fatores que influenciam na pouca participação dos pais nas aulas de língua de sinais. Para que os pais ouvintes dos alunos surdos pudessem participar das aulas de língua de sinais, seria interessante a busca de parcerias, pela escola, a fim de que pudessem oferecer aulas no centro da cidade. Considerando que a escola é o resultado de uma parceria entre Estado e Município essas parcerias

A partir da pesquisa, percebemos que apenas a participação dos pais em atividades da escola não é um sinal afirmativo de bom desenvolvimento e aprendizagem do aluno surdo. Além dessa participação, outros fatores são essenciais, como o uso efetivo da língua de sinais em casa e na escola, as condições sócio-econômicas e culturais da família, a relação entre a família e a escola, entre outros muitos fatores que interferem no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

Constatamos também que a inclusão das pessoas surdas possa acontecer no momento em que estes sujeitos tenham possibilidade de se comunicarem com suas famílias através da língua de sinais, possam aprender através dessa língua, tenham contato com seus pares e estejam inseridos na sua própria cultura.

Considerações finais

A família é o núcleo inicial e a base do desenvolvimento da criança (OSÓRIO, 1996). De acordo com Goldfeld (1997), é a família que dá o significado das coisas e do mundo para a criança quando esta se encontra no início do desenvolvimento lingüístico. É partindo desses primeiros significados que a criança vê e participa do mundo em que vive.

Após termos constatado que os pais ainda apresentam em seus discursos o olhar clínico-terapêutico da surdez, acreditamos ser de extrema importância problematizar as práticas discursivas que buscam naturalizar a questão da diferença, a fim de desconstruir a representação da normalização. Através de discursos que tratem a surdez sob o prisma da diferença, será possível essa descristalização. O surdo, através deste prisma, é visto como diferente, política e culturalmente, nem melhor, nem pior, apenas diferente. Ele não precisa se igualar ao ouvinte, pois a diferença existe.

Na escola para surdos, os alunos estão inseridos na cultura surda, utilizam a língua de sinais para se comunicarem, para se expressarem, para aprenderem conteúdos curriculares e, principalmente, para construir suas identidades. Nessa escola eles estão incluídos num ambiente sócio-cultural e educacional. Estando com seus pares podem se expressar e compreender o que os outros comunicam, pois utilizam a mesma forma de comunicação, a língua de sinais, a qual é adaptada as suas necessidades lingüísticas e culturais porque se apresenta na modalidade espaço-visual. Na escola para surdos, os surdos têm as mesmas possibilidades de desenvolvimento de pessoas ouvintes que estudam em escolas para ouvintes. No espaço escolar, a língua de sinais é utilizada como comunicação e como língua de ensino e instrução. O modo como a comunicação entre a família ouvinte, o filho surdo e a escola para surdos acontece influencia de diversas formas o desenvolvimento e a aprendizagem do aluno surdo. A língua de sinais é o meio de comunicação mais adequado à pessoa surda, por pertencer à cultura surda, e se apresentar na modalidade espaço-visual. A partir disso, a comunicação deveria acontecer através da língua de sinais o mais cedo possível, para que o sujeito surdo possa se desenvolver globalmente.

Acreditamos que a relação entre a família e a escola precisa ser mais próxima. Ambas devem discutir juntas a educação de seus filhos/educandos. Essa discussão, no caso da escola para surdos, deve aproximar essas duas instituições, na busca de uma pedagogia da diferença.

Referências

- COSTA, M. V.; SILVEIRA, R. H.; SOMMER, L. H. Estudos culturais, educação e pedagogia. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 3, p. 36-61, maio/ago. 2003.
- DANESI, M. C. O admirável mundo dos surdos. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2001.
- GABRIEL, C. T. Escola e cultura: uma articulação inevitável e conflituosa. In: CANDAU, Vera (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- GOLDFELD, M. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo, SP: Plexus, 1997.
- LUNARDI, M. L. Inclusão/Exclusão: duas faces da mesma moeda. Cadernos de Educação Especial, Santa Maria, v. 2, n. 18, p. 1-112, 2001.
- MELLO, S. A. A escola de Vygostky. In: CARRARA, Kester. Introdução à psicologia da educação: seis abordagens. São Paulo: Avercamp, 2004.
- OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico. São Paulo, SP: Scipione, 1997.
- OSÓRIO, L. C. Família hoje. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.
- SILVA, T. T. da (Org). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.
- SKLIAR, C. (Org). Atualidade de educação bilíngüe para surdos. Porto Alegre, RS: Mediação, 1999a. v. 1.
- SKLIAR, C. A invenção e a exclusão da alteridade "deficiente" a partir dos significados da normalidade. Educação e Realidade. Porto Alegre, v. 24, n. 2, jul/dez. p. 15-32, 1999b.
- SKLIAR, C. (Org.). Educação & exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. 3. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

e. ed. Tradução, José C. Neto, Luis S. Menna Barreto, Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Notas

1 O modelo clínico-terapêutico considera a surdez como deficiência, o surdo como anormal, como alguém que precisa ser curado. Trata o surdo como paciente e o infantiliza, fazendo com que, desse modo, ele torne-se dependente dos ouvintes ao longo de sua vida.

2 O termo alteridade "... resulta de uma produção histórica e lingüística, da invenção desses Outros que não somos, em aparência, nós mesmos. Porém, que utilizamos para poder ser nós mesmos." (Skliar, 1999 b, p. 18).

3 De acordo com Michel Foucault o poder pode ser visto: "... não como uma força que emana de um centro – o Estado, por exemplo -, não como algo que se possui e que tenha uma natureza e uma essência próprias, algo unitário e localizável, mas como uma ação sobre outras ações, todas elas pulverizadas, distribuídas, capilarizadas, manifestações de uma vontade de potência cujo objetivo é estruturar o campo das ações alheias. (Veiga-Neto, 2000, p. 62).

Correspondência

Vera Lúcia Marostega - Rua Serafim Valandro, 1372 Apt. 603 - 97015-630 - Centro - Santa Maria, RS.

Recebido em 09 de dezembro de 2005

Aprovado em 22 de julho de 2006

[Edição anterior](#)

[Página inicial](#)

[Próxima edição](#)

[Cadernos :: edição: 2006 - Nº 28](#) > [Editorial](#) > [Índice](#) > [Resumo](#) > **[Artigo](#)**